



MEIO: NOTÍCIAS SÁBADO

CORES ☒ P&B ☐

TIRAGEM: 185.000

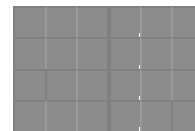
PÁGINA 32/33

PERIODICIDADE: SEMANAL

SUPLEMENTO:

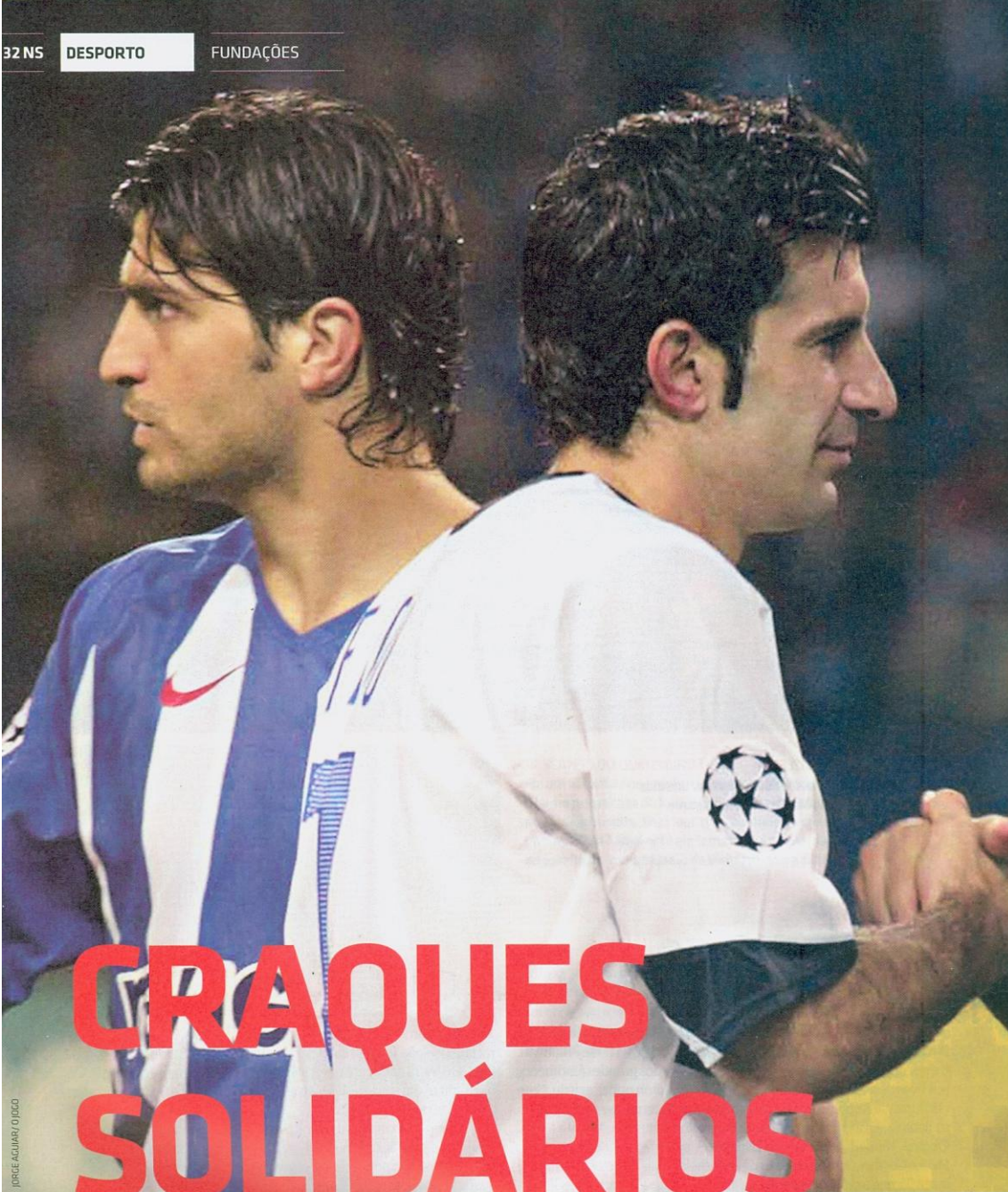
RUBRICA: FUNDAÇÕES

DATA: 27 DE AGOSTO DE 2011



## PRESS MONITORING

32 NS DESPORTO FUNDAÇÕES

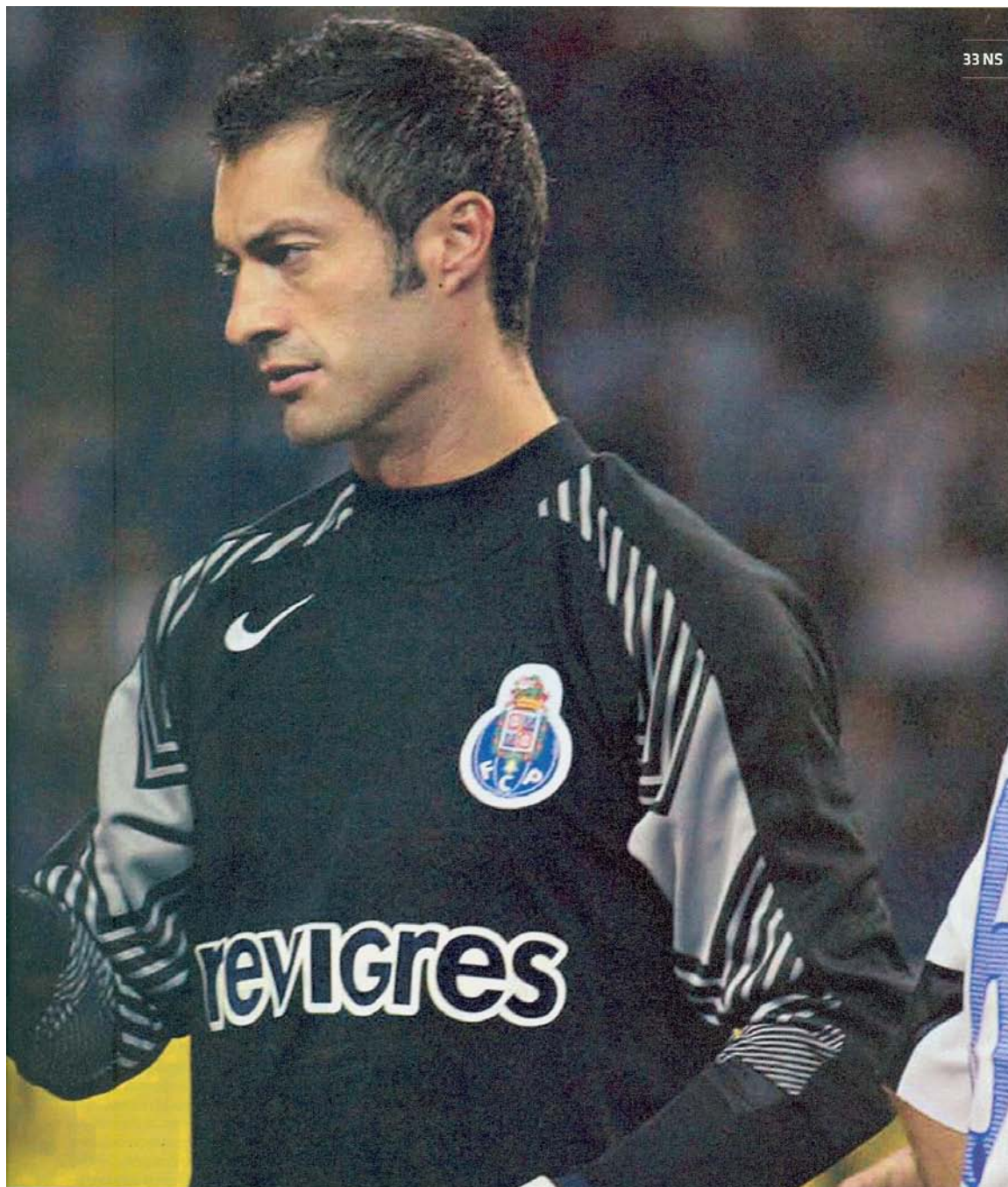


# CRAQUES SOLIDÁRIOS

**Luís Figo, Vítor Baía e Pauleta são três exemplos** de como o futebol mais precisa, por isso criaram fundações de solidariedade social. Não podem

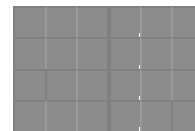
TEXTOS ISAURA ALMEIDA





pode servir para defender causas. A deles é a vontade de apoiar quem mudar o mundo, mas ajudam muita gente, sobretudo crianças.





## PRESS MONITORING

34 NS
DESPORTO
FUNDAÇÕES



Pedro Pauleta lançou a fundação depois de ter criado a sua escola de futebol.



**P**edro Pauleta nem queria acreditar na facilidade com que uma enxurrada apagou do mapa o verde das colinas da ilha das Flores, em Dezembro de 2010. «Era uma freguesia com umas cinquenta casas e aquilo veio tudo por ali abaixo. Não houve mortos, graças a Deus, mas tive oportunidade de conversar com um senhor, já de certa idade, que me reconheceu logo quando me viu: “Tu és aquele da televisão.” Olhou-me nos olhos e adiantou “fiquei só com a roupa que tenho no corpo”», contou à **NS** o antigo jogador. Esta foi uma das situações que mais tocaram Pauleta, que visitou o local alguns meses depois do desastre. «Não reconheci nada, não estava nada como eu me lembrava e eles diziam que já estava tudo limpo, imagino como estaria no dia da catástrofe. Passei lá dois dias





As actividades da escola de futebol e da Fundação Pauleta apoiam sobretudo as crianças e jovens das ilhas açorianas.

muito emotivos», contou o jogador que reuniu na Fundação Pauleta oito mil euros para doar às vítimas das cheias. Noutra ocasião impressionou-se com o drama de uma criança de 10 anos, do Faial, que precisava de ir aos Estados Unidos fazer um tratamento e os pais não tinham dinheiro para isso. «As situações que envolvem crianças tocam sempre mais», diz o açoriano pai de três filhos.

Pedro criou a Fundação Pauleta (FP) em 2007, depois de ter fundado uma escola de futebol em São Miguel, de onde é natural, em 2004. «A fundação está no meio entre a escola e o clube [formado em 2010], e é bom para os miúdos, para saberem e terem noção do que se passa no mundo, que não é só futebol e facilidades. No ano passado fomos ao hospital e as crianças puderam ver que há muitas iguais a elas que não têm o que elas têm, uma oportunidade», explicou, revelan-

do que existe uma espécie de cordão humanoitário que envolve as crianças e os pais nas iniciativas da FP.

Quando Pauleta resolveu criar a escola de futebol, há sete anos, não tinha instalações desportivas e usava o campo das Laranjeiras, disponibilizado pelo governo regional. Dois anos depois, a fundação conseguiu construir o seu próprio complexo desportivo e passou de setenta a oitenta crianças para as actuais 170 que, juntamente com os pais, trabalham como voluntárias. «No Natal distribuímos presentes pelos mais necessitados, mas não fui nem sou só eu a dar, os miúdos da escola também participam», contou Pauleta. «A escola foi criada para as crianças que querem jogar futebol, não para fazer jogadores de

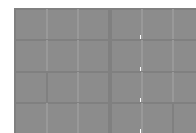
futebol, na escola procuramos que haja respeito e educação.»

Há dias em que o antigo goleador tem noção de que a ajuda é insuficiente e, como não tem superpoderes para corrigir as injustiças sociais, montou uma estrutura que o auxilia na gestão da fundação. «Ajudamos dentro das nossas possibilidades, se posso dar dois, dou dois, se apenas posso dar um, paciência, eu é que sei o que podemos dar, temos de chegar a muitos», desabafa Pauleta.

Para manter a fundação o ex-jogador conta sobretudo com os patrocinadores da escola. «É com essa verba que ajudamos pessoas e instituições», explica. E não esconde o entusiasmo contagiante quando fala do projecto. «Se amanhã eu deixar de ter patrocinadores, a

**«SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM CRIANÇAS TOCAM SEMPRE MAIS», DIZ PAULETA.**





## PRESS MONITORING

36 NS DESPORTO

FUNDAÇÕES



**Quando jogavam juntos na Seleção Nacional: Vitor Baia (de camisola azul, ao centro, na fila de cima), Luis Figo (ao lado de Baia, com o n.º 7) e Pedro Pauleta (sentado, com o n.º 18).**

fundação deixa de poder existir, porque é o meu nome e a minha imagem que a alimentam. Os 170 miúdos da escola pagam uma mensalidade e parte dessa verba (tirando o essencial para a gestão da própria escola) vai para a fundação. Vivo muito à custa da imagem que construí no futebol, controlei a minha carreira à minha maneira e estou a colher frutos disso.» Na escola, além dos alunos pagantes, há alguns que vêm de instituições de acolhimento que não pagam mensalidade.

Após a derrocada na ilha das Flores, Pauleta organizou um jogo entre a sua escola e uma equipa com jovens da ilha e leilou bolas e camisolas suas da Seleção Nacional. A receita obtida serviu para ajudar as vítimas da enxurrada, «através de uma instituição local, que estava mais por dentro das necessidades das pessoas, a quem doámos cerca de oito mil euros. A minha fundação foi criada para isso», disse orgulhoso. Sobre as dúvidas que surgem de as fundações servirem para obter isenções fiscais diz simplesmente: «Não tem nada que ver com coisas fiscais. A minha fundação é o mais transparente possível.»

O melhor marcador de sempre com a camisola das quinas (47 golos marcados em 88 jogos) tem consciência de que o seu projecto solidário está limitado ao arquipélago dos Açores e privilegia o apoio personalizado: «Somos uma fundação regional e não conseguimos ter receitas para fazer mais do que isso. Já chegamos a seis ilhas, a seguir vamos à Graciosa e espero até ao final do ano chegar ao Pico e a São Jorge.» E já tem convites para

alargar a FP aos Estados Unidos e ao Canadá, onde existe uma grande comunidade portuguesa natural dos Açores.

Pela própria localização da fundação, o apoio prestado torna-se personalizado. Os pedidos de ajuda aumentam de dia para dia: «Há muitos, muitos pedidos.» Depois, cabe a Pauleta e às pessoas que trabalham com ele (fala quase sempre no plural) fazer uma selecção. Por norma, optam pelos casos mais urgentes. «Há pessoas a pedir ajuda para pagar a prestação da casa, a água, luz, gás...

A certa altura tens de tomar uma decisão, não dá para ajudar todos, tem de ser um a um. E custa dizer que não dá, que já não há verba para ajudar mais», lamenta.

#### **«QUANDO LANCEI A FUNDAÇÃO FIZ A MELHOR DEFESA DA MINHA VIDA», CONTA VÍTOR BAÍA.**

Além de ter feito história na Seleção Nacional, Pauleta deixou a sua marca em Paris. Jogou no Paris Saint-Germain e ainda ostenta o título de melhor marcador de sempre do centenário clube francês (cem golos). A ligação àquele emblema ainda perdura e traduz-se num pro-

toloco entre a sua fundação e a do PSG, através do qual, todos os anos, cinco miúdos vão a Paris, enquanto alguns franceses vêm aos Açores para o campo de férias da escola.

Pauleta confessa que não sabe se as regras para criar a fundação nos Açores são iguais às do Continente, mas garante que «não foi de um dia para o outro» que conseguiu a papelada para poder abrir. Figo e Baia são dois amigos, com quem conviveu ao longo de quase duas décadas de futebol, mas não trocam impressões sobre o funcionamento das respectivas fundações. Até porque «as dimensões da do Figo e da do Vitor são totalmente diferentes», reconhece Pauleta.

E já sonha com o dia em que vai conseguir levar uma equipa de ex-jogadores da Seleção Nacional aos Açores para jogar com uma selecção do arquipélago onde nasceu há 38 anos.

#### **Baia quer fazer uma casa de acolhimento**

Já foram muitas as situações que tocaram Vitor Baia de forma especial. «Faço questão de ir a todos os locais. Muitas vezes vou visitar crianças doentes que estão em fase terminal e não fico imune ao que vejo, e tenho tido a coragem de estar nesses momentos ao lado dos pais. Sinto-me acima de tudo impotente, mas também um pouco feliz por lhes levar um momento de alegria. Gostava de ter poderes especiais para impedir que as crianças passassem por essas situações. Se eu fico abalado e sem forças, imagino eles... afinal, também sou pai.» Já houve situações em que chorou, «digo-o sem vergonha, mas foi sozinho, em frente às crianças nunca. Nesse momento é preciso manter frieza e mostrar alegria, mas é difícil. Numa ou noutra situação são elas que nos animam...», disse à **NS** o antigo guarda-redes do FC Porto e da Seleção Nacional.

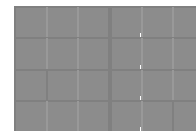
Na linguagem do futebol a defesa é o melhor ataque, e Baia foi e é um bom exemplo disso. A vontade de olhar para o próximo está-lhe nos genes. «Sempre fui solidário, tem que ver com a minha educação e os valores que os meus pais me passaram, e estive sempre atento às situações. Gosto de ajudar.»

Foi em 2004 que teve a ideia de capitalizar a sua imagem e «aquilo que em termos mediáticos a carreira me proporcionou» para angariar fundos e chegar a mais pessoas. Criou a Fundação Vitor Baia (FVB). «No dia em que a lancei lembro-me de dizer que tinha acaba-









## PRESS MONITORING

38 NS DESPORTO

FUNDAÇÕES



Vitor Baia tem um lema para a sua fundação: «Ajudar, servir os outros e ser útil.»

## Vem aí a Fundação Hugo Almeida



Hugo Almeida quer seguir os passos de Pauleta, Figo e Baia e já deu início ao processo de criação da sua fundação. A novidade, no caso do jogador do Besiktas, é que está ainda o activo. O objectivo é «aproveitar o mediatismo que o futebol gera para reunir recursos, esforços e pessoas que permitam ajudar a resolver questões de natureza social». Os principais destinatários serão as crianças. «A alegria e as emoções que o futebol transmite, sobretudo às pessoas mais carenciadas, não tem paralelo. E eu, como profissional, mas também como pai, compreendo cada vez mais a importância que um abraço, um simples autógrafo e uma demonstração de carinho podem ter para uma criança.»

do de fazer a melhor defesa da minha vida. Continua a ser a minha menina», lembrou aquele que ainda hoje detém o recorde mundial de títulos conquistados na baliza.

Na altura em que decidiu avançar, as fundações não eram bem-vistas – não se livrou das suspeitas de estar a criar fundações para colher o fruto da isenção fiscal – e teve muitas dificuldades para colocar a primeira pedra. «Eu não preciso de dizer que sou uma pessoa séria, a obra fala por si, mas passei por alguns momentos complicados exactamente por causa dessas questões da isenção fiscal. Vivia-se num momento de desconfiança.» Mas, com o tempo, as pessoas começaram a ver que o objectivo não era servir-se da fundação, «mas sim ajudar, servir os outros e ser útil».

Ao fim de sete anos, já cumpriu muitos objectivos. Um deles foi estar presente a nível nacional de Trás-os-Montes ao Algarve.

A FVB tem uma forma de subsistência idêntica à de Pauleta e de Figo: através da imagem de Vitor Baia e do patrocínio de algumas empresas. Os contratos de imagem que assina

têm todos uma cláusula que o obriga a canalizar as verbas para a obra da FVB. «Era fácil pegar nos louros da profissão e guardá-los», diz Baia, mas gosta de ajudar e sente-se bem a fazê-lo – e isso não tem preço.

Hoje, a FVB tem estatuto de IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social). Ao fim de alguns anos, Vitor Baia percebeu que a melhor forma de agir é auxiliar quem ajuda os outros. «Gostava de ter uma casa de acolhimento ou uma clínica pediátrica de recuperação, mas, como durante este tempo não foi possível concretizar esse sonho, direcionei a obra da fundação para os hospitais e instituições que tinham dificuldades a nível de aparelhos de diagnóstico para crianças», conta. Assim, a FVB ofereceu aparelhos de sinais vitais ao IPO do Porto e um aparelho de diagnóstico na área da urologia ao Hospital Maria Pia. «Imagine o que é crianças usarem aparelhos de adultos... os médicos por vezes fazem milagres com os meios (poucos) que têm à sua disposição», disse Baia, adiantando que também tem apoiado a área da investigação médica e científica.



A triagem dos casos é difícil, mas o antigo jogador confia nas pessoas que trabalham com ele para fazerem a investigação necessária antes de decidirem quem e como ajudar. «Infelizmente, há muita gente a aproveitar-se.» E aponta casos de aproveitamento desonesto por parte de muitas pessoas que, mesmo quando têm capacidade e meios, tentam obter ajuda. «Não percebem, ou se calhar sim, que estão a impedir quem realmente precisa de ser auxiliado.»

Agora que saiu do FC Porto, o atleta com mais troféus conquistados no mundo – 33 no total – está mais presente nos trabalhos da sua fundação. E abraçou um novo projecto: O Joãozinho. Trata-se da construção de uma ala pediátrica no Hospital de São João, no Porto. Vítor Baía cedeu a sua imagem de forma gratuita para publicitar a iniciativa. «É um projecto que me diz muito e que apadrinho de bom grado.» E apela para que haja mecenas na Invicta que contribuam para a obra, importante não só para o Porto, mas para toda a zona norte do país.

Baía sente que a fundação faz a diferença quando ouve falar dela com carinho e reconhecimento: «Não fazemos de conta que fazemos, fazemos mesmo e as pessoas sabem disso.» Olhando para trás, vê que já apoiou cerca de 15 mil crianças e angariou cerca de um milhão de euros em apoios. AFVB privilegia a compra de aparelhos. Primeiro começou com o apoio directo, mas depois percebeu que podia chegar a mais pessoas e ajudar mais e melhor se tiver «parceiros fortes». Escolheu instituições que já têm muitos anos de experiência. «Nós ainda estamos no início, queremos dar passos seguros.»

No entanto, a realização plena só chegará quando conseguir colocar de pé a Casa de Acolhimento Vítor Baía. Gostava que fosse na Afurada, terra onde nasceu há 41 anos, mas não vai ser possível. Está em negociações com a Câmara do Porto e com a de Vila Nova de Gaia, para encontrar um local que espera estar seleccionado no final do ano. E deixa um recado: «Quero fazer obra, quero ajudar, mas preciso de mecenas. Se o governo puder ajudar também é bem-vindo, mas já tem muito com que se preocupar...»

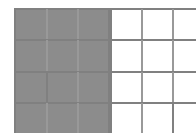
#### Figo: solidariedade mundial

O sucesso da Fundação Luís Figo (FLF) equipara-se ao do seu fundador. Chegou ao topo em 2001, quando a FIFA o coroou Melhor Jogador do Mundo, e anualmente realiza um jogo de solidariedade de alcance planetário que junta grandes estrelas do futebol, o All Stars. Mas ainda são as pequenas iniciativas que mais o tocam. Uma delas aconteceu no Natal passado. Recebeu um pedido que dizia que o sonho da vida de uma jovem era conhecê-lo. A jovem, de 17 anos, é portadora de uma doença rara que não lhe permite saber ler nem escrever. Convidou-a para assistir

A Fundação Luís Figo intervém nas áreas da saúde, educação, desporto e acção social.







## PRESS MONITORING

40 NS DESPORTO

FUNDAÇÕES



Um dos jogos que Figo organiza para angariar fundos para a solidariedade social.

ao espectáculo de circo de Natal da FLF. «O momento em que fomos apresentados foi muito emocionante, o sorriso, o nervosismo, o choro de alegria, a felicidade que transmitiu, deu-me uma satisfação muito especial por ver que com um gesto tão pequeno conseguimos proporcionar momentos de tamanha felicidade, foi muito marcante», contou o actual director do Inter de Milão à **NS**.

Figo diz que sensibiliza o saber que o seu trabalho (e da sua equipa) contribui para melhorar as condições de vida dos que «por motivos de saúde ou condições socioeconómicas são privados do seu pleno direito de cidadania». Parece uma frase feita, mas, garante, é sentida. Foi com base nas ideias de solidariedade, igualdade, oportunidade e contribuição para a melhoria das condições de vida das crianças e jovens desfavorecidos que, em Março de 2003, o antigo campeão decidiu avançar com o projecto da fundação que, «felizmente, tem vindo a desenvolver um trabalho consistente e credível na área da responsabilidade social».

Figo diz que os jogadores, pela imagem que projectam no mundo, têm uma responsabilidade acrescida de serviço cívico. O futebol mobiliza grandes massas e a figura de

um atleta profissional é vista como um exemplo para muitos jovens. No seu caso, adianta, é uma maneira de colocar em prática «a consciência de responsabilidade social e de cidadania».

A FLF actua em quatro áreas: saúde, educação, desporto e acção social. O seu objectivo é contribuir para a criação de oportunidades e melhoria das condições de vida daqueles que menos têm. «Há sempre mais para fazer, como é óbvio, mas a nossa participação tem ajudado muitas crianças e jovens a melhorarem as suas condições de vida e tem contribuído para o acesso a determinadas oportunidades e vivências que de outra forma não iriam conseguir», diz Luís Figo.

A internacionalização da fundação orgulha-o, mas compromete-o com o futuro. Os jogos All Stars, que se realizaram em 2008 na Roménia, em 2009 na Suíça, em 2010 em Angola e este ano em Viena, têm sido um sucesso. As verbas conseguidas servem para apoiar diferentes instituições e causas, como a UNICEF, a Laureus, a Ronald McDonald ou a IPSS

Movimento ao Serviço da Vida, na reconstrução da Casa das Cores (para acolhimento de crianças desfavorecidas). As receitas da edição do ano passado, por exemplo, reverteram para o novo projecto da Swatch, Uma Casa para o Mundo, que é o primeiro centro em Portugal de acolhimento temporário para crianças refugiadas.

A FLF tem também uma parceria em Moçambique com a Associação Um Pequeno Gesto, traduzida no apadrinhamento de três crianças órfãs a quem proporcionou a construção de uma nova casa, permitindo-lhes ter condições de higiene, comodidade e saúde mínimas para uma vida digna. Além disso, assegurou igualmente a alimentação, educação e vestuário daquelas crianças.

Aos 38 anos, o orgulho no trabalho feito é grande, tal como o reconhecimento e a receptividade: «Um sorriso, um obrigado ou um desenho de uma criança são recompensas mais do que suficientes para continuar a crescer e a acreditar nesta nossa missão», diz Figo. **NS**

**OS JOGADORES DE FUTEBOL TÊM UMA RESPONSABILIDADE ACRESCIDADA DE SERVIÇO CÍVICO. DIZ FIGO.**